

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR-DELEGADO EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 13

DOMINGO-6 de Setembro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A V E N Ç A

INTERESSES REGIONAIS O CONCELHO DE ALCOUTIM

PEDE COMUNICAÇÕES QUE O SIRVAM

O CONCELHO de Alcoutim, que, pela sua riqueza agrícola, é um dos mais importantes do sotavento algarvio, encontra-se praticamente desprovido de comunicações que o sirvam. Presentemente, só a vila de Alcoutim se encontra ligada à estrada Vila Real-Beja, por um trço de sete quilómetros de estrada. Mas o resto do concelho, bastante populoso, padece dos inconvenientes de uma completa falta de comunicações que o ponham em contacto com os grandes centros. E, todavia, este importante problema, que reclama uma solução urgente, é fácil de remediar. Bastaria, para isso, construir uma estrada municipal que, ligando à estrada Algarve-Alentejo, em Santa Marta, seguisse até Alcoutim por Afonso Vicente, Fonte do Almece e Cortes Pereiras. Desta forma, as camionetas que fazem o percurso desde as Quatro Estradas até Alcoutim e volta, percorrendo 14 quilómetros sem servir qualquer povoação, passariam, depois da sede do concelho, a servir as 6 povoações que constituem as Cortes Pereiras e todas as outras, até Santa Marta, onde reentrariam na estrada nacional, dando-se o inverso no percurso ascendente.

Sabemos que o projecto para esta estrada se encontra concluído e devidamente aprovado, faltando, apenas, para poderem começar os trabalhos, que lhe seja concedida a respectiva comparticipação.

Tratando-se, como se trata, de uma obra de maior importância para a economia e o desenvolvimento daquela região, chamamos para ela a atenção e o interesse das entidades competentes, certos de exprimirmos as aspirações, aliás justíssimas, do laborioso concelho de Alcoutim.

PRAIA DA ROCHA

Grandes Provas de Tiro aos Pombos

Promovidas pelo Portimonense Sporting Clube, com o patrocínio da Federação Portuguesa de Tiro a Chumbo, iniciaram-se ontem, prosseguindo hoje e amanhã, no Campo de Tiro da Praia da Rocha, as grandes provas anuais de tiro aos pombos.

Ontem, dia 5, além da prova de abertura, disputaram-se a Taça «Companhia de Seguros Douro» e Taça «Turismo». Hoje, às 13 horas, iniciam-se as provas com a disputa da Taça «Portimonense», seguindo-se as provas «Praia da Rocha» e Taça «Safal».

Amanhã, 2.ª feira, também com início às 13 horas, disputar-se-ão as 3 últimas provas: Taça «Atiradores Alentejanos», Prova «Câmara Municipal» e Taça «Vencedores».

Estas provas, que, no seu género, são as mais importantes que se realizam no Algarve, têm, além dos importantes prémios pecuniários, 20 valiosas taças.

Visado pela Comissão de Censura

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E AS SUAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

TORNA-SE necessário um segundo artigo para desenvolver as ideias que expendemos no número anterior deste jornal — o simpático semanário que, não obstante ter iniciado há pouco tempo a sua publicação, conse-

precisa de traçar as suas directrizes económico-sociais. Vejamos, assim, os elementos que nos fornece o próprio «Notícias do Algarve», desde o seu primeiro número, referentes ao movimento da lota de Vila Real de Santo António,



Um aspecto da Avenida da República

guiu marcar já um posição de relevo na imprensa algarvia.

Para melhor o podermos fazer, temos que nos servir de números — os enfadonhos mas elucidativos números estatísticos de que a vida moderna já não pode prescindir, quando

mas apenas na parte respeitante à pesca das traineiras e dos cercos, visto que o atum, tendo a sua época própria, não deve ser considerado para o objectivo que pretendemos atingir.

Dizem-nos esses elementos que o total pescado por aquelas artes, desde 1 de Junho até 27 de Agosto, atingiu a importância de 9.604 contos. Mas é interessante observar as oscilações da pesca durante o trimestre, porque isso é que dá bem a nota das crises a que aludimos.

Temos, como cifra mais importante, e no período que vai de 18 a 25 de Junho, a verba de 3.967 contos, que representa 41,74% do valor total da pesca dos referidos três meses. A verba mais baixa foi registada de 14 a 20 de Agosto, pois, sendo apenas de 51 contos, corresponde a insignificância de 0,54% de todo o pescado. Por outras palavras — enquanto o mês de Junho rendeu 6.847

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)

UMA CONCHA PERDIDA?

A Penélope, com apreço

Na noite de temor e de negrura,
Semeada de gigantes colossais,
Ouvi teu grito: — «Agora, ou nunca mais!» —
E parti, confiante, p'ra a aventura.

Marés de dor, venci, nessa procura,
Marés que pareciam ser fatais...
Dizia, ansioso: — Desistir? Jamais!
Havia de encontrar-te, e pura, e pura!

Dei volta ao universo. E em busca inglória,
Quando desesperava da vitória,
Fui carpir meu sofrer à beira-mar.

No dorso de uma onda enfurecida,
Encontrei-te, afinal, concha da vida.
— Da vida que tu tens para me dar!

Agosto, 1953

SÉRGIO

CRÓNICA DE MONTE GORDO

FACTOS... E COMENTÁRIOS

NÃO!, caros leitores! Não foi como vós pensastes! Nem a falta de luz, nem a poeira da estrada do farol foram as razões que nos impediram de escrever mais algumas linhas no passado número deste «Notícias do Algarve», acerca dos factos ocorridos no maravilhoso «palco» que é a nossa praia de Monte Gordo!

Nós sentimos, como vós, a mesma decepção, verificando o abandono a que Monte Gordo se encontra votado! Tal com vós, nós dizemos com os nossos botões:

— Antes da abertura da época, houve muito tempo para asfaltar a avenida D. Afonso Henriques! E porque não estava o serviço de iluminação em condições de se evitar esta escuridão de seis dias e esta deficientíssima iluminação pública?! E porque seremos forçados a este pouco edificante dilema de, ao irmos a Vila Real, ou comermos pó, ou aguentarmos as «aromáticas pitadas» das nitreiras das Hortas?! Não foi, porém, essa a razão do nosso silêncio.

— Mas então, se não foi por isso, por que razão não escreveriam eles a «crónica»? — estais vós a pensar.

A explicação é fácil e para ela pedimos a benevolência do vosso acordo.

E' que, compreensivos leitores, ao fazer-se uma crónica de sociedade (nem de longe pensamos em chamar-lhe «crónica»), precisamos de «apalpar» os primeiros efeitos. Nem sempre as nossas ideias, as nossas graças (???) ou as manifestações das nossas «vi-

sões», são bem aceites e interpretadas! Urge, pois, antes de prosseguir, ouvir as vossas apreciações e, sobretudo, perscrutar os vossos pensamentos íntimos. E então, ou constatamos impassibilidades, ou remediamos mal-entendidos, ou sanamos susceptibilidades, ou — quantas vezes!... — tapamos os ouvidos a incitações tendenciosas.

Desta vez, nada nos impede, felizmente, de prosseguir. Só constatamos impassibilidades ou ouvimos alguns risinhos maliciosos...

Não ouvimos fados nem canções redentoras, às 4 da madrugada. Só conversámos... vimos... e ouvimos (música, é claro!...).

Quando, pelo meio dia, chegámos à praia, julgámos ir atrasados. Mas afinal, todos, excepto

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)

O RISO DA SEMANA



— Coitado!, gosta tanto de olhar o mar, e aquela rapariga foi logo pôr-se na frente!...

FESTAS DA VILA

EM HONRA DA PADROEIRA

DEPOIS de um solene tríduo preparatório, realizam-se hoje as últimas solenidades em honra de Nossa Senhora da Encarnação, Padroeira desta Vila.

Como noticiámos no último número, às 9 horas há missa, com comunhão geral, e, ao meio-dia, missa solene, com sermão. Pelas 18,30 horas, sairá a procissão, com a imagem da Padroeira, que percorrerá as principais ruas da Vila, passando pela Avenida Marginal. O ilustre orador sacro, Cônego Dr. Francisco Maria da Silva pregará, depois da procissão.

E' de esperar que, conforme se tem feito nos anos anteriores, se coloquem colgaduras nas janelas dos prédios das ruas por onde passa a procissão.

Esta noite, pelas 22 horas, haverá concerto, na Praça Marquês de Pombal, pela banda de Tavira, e outras distrações, além de fogos de artifício.



Nossa Senhora da Encarnação

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, já regressou das Caldas de Monchique, onde esteve a fazer a sua habitual cura de águas, o nosso estimado amigo e assinante, sr. António da Cruz Martins, digno presidente da Comissão Municipal de Turismo desta vila.

Também regressou das Caldas de Monchique, com sua família, o nosso amigo e prezado assinante, sr. António dos Santos Rita.

Encontra-se a passar o verão, na sua casa de Albufeira, o sr. Dr. José Correia do Nascimento, professor muito distinto do Liceu de Faro e ilustre Presidente da Junta de Província do Algarve.

Regressou a Lisboa o nosso prezado amigo sr. Fernando Calado Correia, estudante de medicina, filho do nosso estimado amigo e distinto colaborador sr. Ricardo Lino Correia, digno gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

Em gozo de férias, encontra-se no Luso a nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Maria Manuela Nunes.

Com sua esposa e filhos, encontra-se a passar o verão em Famalicão da Nazaré, Oeste, o sr. Camilo António Pais Mendes, nosso estimado assinante em Lisboa.

De visita a sua mãe, sr.ª D. Maria José do Carmo, encontra-se nesta vila o sr. Artur do Carmo, com sua esposa e filho, nosso prezado assinante em Lisboa.

Também de visita a seus pais, encontra-se em S. Brás de Alportel, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Victor Manuel de Sousa Coelho.

Encontra-se na praia de Monte Gordo, de visita a pessoas de família, a sr.ª D. Edite Maria Vieira de Freitas Leal, filha do nosso prezado amigo sr. Sebastião de Freitas Leal, conceituado comerciante em Portimão.

Esteve durante alguns dias nesta vila, tendo já retirado para a praia da Luz, nos arredores de Lagos, onde se encontra a veranejar, com sua família, o nosso querido amigo e assinante em Lisboa, sr. Domingos Ribeiro Soeiro, funcionário do Tribunal de Contas.

Falecimentos

No passado dia 29 de Agosto, faleceu nesta vila, após prolongada doença, o sr. João Afonso Corvo, de 45 anos de idade, esposo da sr.ª D. Francisca Noia, pai da menina Maria Bernardete Godinho Corvo e irmão das sr.ªs D. Palmira da Conceição Corvo Costa, Rosa da Saúde Corvo do O' e do sr. Joaquim Afonso Corvo.

O extinto fazia parte da Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários, desta vila. O seu funeral realizou-se no dia seguinte, tendo-se incorporado nele, além de muitas pessoas amigas, várias representações de Bombeiros, da nossa província.

Faleceu, em Olhão, a sr.ª D. Maria das Dores dos Anjos Araújo, de 84 anos de idade, viúva, natural daquela vila. Era mãe das sr.ªs D. Maria Catarina Matamouros e D. Joana Baptista Arcaño da Cruz, e do sr. João Rosa Arcaño, gerente da Fábrica Parodi, em Olhão, e sogra dos srs. João Viegas Matamouros e António Baptista da Cruz.

Apresentamos condolências às famílias enlutadas.

Companhia de Seguros Império

Publicou esta importante Companhia o seu relatório, contas e parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao XI Exercício, referente a 1952. Por ele, fica-se com uma perfeita noção da enorme actividade desenvolvida pela Império nos vários ramos de seguro a que se dedica, e que a colocam na situação de uma das primeiras companhias seguradoras do nosso país. Durante o exercício a que este relatório diz respeito, as receitas da Companhia subiram a 78.888 contos, relativos a negócios directos e a 13.166 contos, de resseguros, num total de 91.554 contos, aproximadamente. Estes números, por si sós, dão uma ideia bastante eloquente do que foi, em 1952, a actividade da Companhia.

Noticiário da Província

PORTIMÃO

Semana do Naufrago

Em prosseguimento das festas do Instituto de Socorros a Náufragos, a que mui criteriosamente preside o sr. comandante Joaquim Cortes Carrasco, digno capitão do Porto, realizou-se no dia 23 de Agosto, na Praia da Rocha, um grande Festival Náutico, com enorme colaboração de concorrentes e grande concorrência de espectadores. Foram diversas as provas, todas elas cheias de imprevisão e emoção, salientando-se as regatas de vela — entre canoas de pesca, prova reservada a pescadores das praias do barlavento algarvio e entre Lusitos da M. P. — competição dos centros de Lagos e Portimão.

Houve, ainda, regatas de Remo, Regatas de «Gaivotas», Gincana de «Charutos» e Provas de Natação, bastante concorridas e que completaram o bem organizado programa.

No dia 25, também na Praia da Rocha, no Miradouro de Santa Catarina, teve lugar, pelas 22 horas, um interessante Sarau Artístico, com a colaboração dos apreciados artistas do Sotavento do Algarve e das simpáticas portimonenses, Maria Luiza Jorge e Zulmira Jorge, filhas do apreciado amador-cómico, António Jorge — sempre prontas a dar a sua colaboração a iniciativas deste género.

Casino da Praia da Rocha

Continuam os êxitos no Casino da Praia da Rocha, sempre cheios de interesse, imprevisão e originalidade.

Desta vez, teve lugar a actuação da simpática vedeta da Rádio, Maria José Valério que, mercê das suas qualidades, conta inúmeros admiradores nesta cidade. Apresentou-se a novel artista no Casino, no dia 19, de Agosto, sendo a sua actuação vibrantemente aplaudida.

Nos dias 22 e 23, apresentou a incansável Direcção do Casino o conjunto «Hermínia Silva — à procura de uma estrela» — com a colaboração de Mimi Gaspar, Octávio de Matos, Tomé de Barros Queirós, Emilia Candeias, Marisa Pinto e a castiça Hermínia Silva — caravana de artistas que, pela sua categoria dispensam adjetivos.

Os espectáculos continuam a ter a colaboração da orquestra Pax-Júlia, excelente conjunto musical que muito justamente está obtendo o mais completo êxito entre nós.

Notícias Pessoais

Já se encontra na Praia da Rocha, a passar as suas habituais férias, o notável escritor espanhol Wenceslau Fernández Flores, que se faz acompanhar de sua esposa.

Tem permanecido nesta cidade o ilustre escritor, Dr. Armando Carneiro, que visitou o Algarve em missão de estudo, com o fim de obter elementos históricos para um novo livro a editar. Nele, será exaltado o valor dos algarvios, na colonização do nosso Império Português.

O sr. Dr. Armando Carneiro, muito sensibilizado pelo acolhimento afável dos algarvios, cedeu alguns elementos criteriosos ao nosso prezado colega «Comércio de Portimão», relativos à intervenção dos algarvios na colonização de Angola e em que afirma «... que foram eles os primeiros pioneiros do Sul de Angola e a eles se deve a fundação de Moçâmedes».

Foram empossados nos cargos de Director Delegado e Chefe de Contabilidade dos Serviços Municipalizados de Águas, do concelho de Portimão, os srs. Afonso Pinto-Loureiro e José Manuel Júdice da Costa Nunes da Glória. O acto da posse realizou-se na Câmara Municipal de Portimão, no passado dia 13, com a presença de todo o pessoal da secretaria da Câmara e doutras individualidades.

Aos empossados, apresentamos cumprimentos.

Nascimento

Em casa dos seus sogros, nesta cidade, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Manuela de Paula Calaça, esposa do sr. Dr. António Duarte de Sousa Calaça.

Mãe e filha encontram-se bem.

Falecimento

Na sua residência, faleceu, no passado dia 18, o sr. Júlio de Sousa Calaça, de 57 anos de idade, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Calaça e pai dos srs. Drs. António Duarte de Sousa Calaça e Júlio Duarte de Sousa Calaça, distintos médicos municipais.

O extinto, que possuía excelentes qualidades de carácter e religioso devotado, era muito estimado nesta cidade, pelo que o infausto acontecimento bastante consternou os que com ele conviviam.

VILA NOVA DE CACELA

Realizou-se, no passado dia 29 de Agosto, o tradicional banho de «S. João da Degola», dia de grande romaria à Praia da Manta Rota, em especial gente da beira serra, que procura este dia para se banhar três vezes e que o fazem com grande alegria, sendo este ano assinalado com alguns lamentáveis desastres, ceifando a vida a três infelizes. Os desastres começaram às primeiras horas da manhã, pela grande corrente que o mar fazia, mas devido à abnegação de alguns banhistas e marítimos, nada mais sucedeu que muitos sustos e alguns inanimados sem gravidade, até que cerca das 12 horas, apesar da proibição da G. N. R. e G. Fiscal, foram banhados diversos indivíduos, entre eles Amândio Pereira, solteiro, de 25 anos, filho de; Manuel Pereira e de Domingas Florença, natural e residente na Cortelha, Conceição de Tavira; Manuel António dos Santos, de 15 anos, filho de Manuel Rosa e de Lucinda Isabel, residente na Malhada do Peres, Conceição de Tavira; António Isabel, de 65 anos, casado, residente em Alfarrobeira, Odeleite, e Marcos Rodrigues, de 40 anos, residente na Cortelha. O primeiro foi trazido para terra, ainda com vida, por José Madeira Reis, estudante de engenharia e Luis Filipe Martinez, Agente da Polícia Judiciária, mas apesar dos esforços do médico Dr. José Vasco Nunes, não conseguiu reanimar. O Manuel António dos Santos e o António Isabel desapareceram na corrente, não tendo ainda aparecido, e o Marcos Rodrigues, tio do primeiro, foi salvo por Mário Rodrigues Madeira e António Brito, respectivamente marítimo e agricultor.

Depois de procederem às formalidades legais, o cadáver do Amândio transitou para o cemitério local, acompanhado de muito povo. Compareceram no local, além do Dr. Vasco Nunes, os seus colegas, Drs. Moraes Simão e Martiniano Santos, ambos com consultório em Tavira. Não sendo isto ainda suficiente, foram tomar banho, no dia seguinte, Maria da Cruz Azinheira, natural de Tavira e residente em Almada, estudante, filha de João Nadiche Azinheira; Osvaldo Pires de Almeida Vitória, solteiro de 22 anos, natural da cidade da Praia, Cabo Verde, actualmente 1.º cabo miliciano n.º 495/O. A. em serviço em Tavira, e Rita do Carmo Bonança, de 35 anos, solteira, modista, natural de Castro Marim e residente no Montijo, tendo a primeira desaparecido, dando à costa passadas 6 horas, no mesmo local onde se banhava, realizando-se, no dia seguinte, o seu funeral para o cemitério desta freguesia. Tomou conta desta ocorrência o 2.º Cabo Comandante do Posto da Guarda Fiscal, José Fernandes, a quem o Almeida Vitória e a Rita Bonança, tia da falecida, prestaram declarações.

Estes lamentáveis desastres deram-se fora da zona demarcada para banhos.

Chamamos a atenção para quem de direito para a falta de um cabo, onde os banhistas se possam segurar, e boias de salvação, a fim de evitar futuros desastres. — C.

ALCOUTIM

O problema das comunicações está em parte resolvido. Está, mesmo, resolvida a parte essencial. Estão todos os restantes à espera de solução. E à frente de todos, com uma urgência e uma necessidade que não tolera delongas, está o da água. Diz-se em poucas palavras da sua presente necessidade: — cada litro de água custa, na vila, de 6 a 10 centavos. Água boa, na nascente que se torna perigosa pelos modos impróprios por que é tirada.

Várias tentativas têm sido feitas em busca de caudais abundantes para a trazer até à vila.

Queremos crer que nem todos foram criteriosamente orientados. E enquanto subsistir a actual linha de orientação dos subsídios dos melhoramentos rurais, não vemos muita facilidade em o ver resolvido.

Trabalha-se afanosamente para o brilho das festas a realizar, e cujo produto reverte a favor da participação do hospital sub regional.

Vão muito adiantadas as obras do calcetamento da praça e do troço do desvio da estrada, à entrada da vila. — C.

O cortejo fúnebre constituiu uma grande manifestação de pesar e nele se incorporaram grande número de amigos, incluindo o pessoal superior da firma «Fu Hermenos», onde o extinto exercia elevado cargo, há longos anos, e onde disfrutava de gerais simpatias.

A família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências. — C.

FARO

Algumas considerações acerca do Sporting Clube Farense

De entre todos os grupos do Algarve, que se dispõem a trabalhar afinadamente para valorizar as suas categorias principais, o grupo de Faro parece ser aquele que mais vai dar que falar nos próximos campeonatos. Pelo menos, assim se depreende das valiosas aquisições que vem fazendo e do enorme entusiasmo que gravita à roda do futebol.

Depois de os dirigentes deste clube terem contratado para orientador técnico o valoroso treinador José López Martínez, de nacionalidade espanhola, e que reside no Algarve há cerca de 4 anos, tendo deixado boa impressão nos grupos de Olhão e Portimão, onde deixou bem vinculada a sua personalidade e os vastos conhecimentos futebolísticos, chegaram à capital do nosso Distrito dois jogadores, de nomes Batista e Silva, que ocupam os lugares de defesa central e avançado-centro, que jogavam no Esperança de Lagos e no Grândola. Como se sabe, o Farense perdeu esta época o concurso dos valiosos jogadores, Manuel da Costa, Camilo, José Alves e Ventura II, mas mesmo assim não desanimaram e esperam recuperar as pedras perdidas por outros elementos, e ficando até lavrado em acta que não dispensam qualquer jogador do 1.º team, embora o Desportivo de Beja esteja interessado nos jogadores Ventura I e Américo, respectivamente guarda-redes e defesa esquerdo.

Por estes dias, chegarão à cidade de Faro dois jogadores espanhóis, que ocupam os lugares de avançado-centro e médio de ataque, talvez um interior, mas este demorará uns tempos, visto a sua documentação não estar todavia em ordem. Dizem-nos serem elementos de reconhecida categoria, e que se podem enfileirar com os melhores praticantes que ocupam idênticos lugares nos grupos da I Divisão.

Por tudo isto, não podíamos deixar de presenciar o 1.º treino de conjunto, realizado no passado dia 28 de Agosto, colhendo, no final, algumas impressões do treinador José López Martínez.

López mostrou-se confiante e não escondeu o seu entusiasmo pelo valor de alguns elementos que viu actuar. Afirmou-nos: — Realmente são de salientar os jogadores, José Joaquim, Gralho, Lopes, Balela e Nelo, que devem formar um conjunto de muito respeito com os três jogadores que o Farense recrutou de Espanha, os quais são excelentes jogadores e camaradas.

E acrescentou: — O médio J. Joaquim tem muitas condições de bom futebolista, mas primeiramente é necessário trabalhar com ele na parte física,

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António
Vendas efectuadas de 28 de Agosto a 3 de Setembro:

Treineiras:	
Maria Rosa	13 630,00
Agadão	8 885,00
Raulito	8 230,00
Manuela	7 980,00
Brisa	6 780,00
Deolinda Rita	6 880,00
Levante	5 455,00
Tufão	5 855,00
Liberta	4 780,00
Leste	3 490,00
S. Domingos	2 810,00
Flor do Sul	2 785,00
Janita	2 185,00
Flor do Guadiana	1 760,00
Norte	1 515,00
Pérola do Guadiana	1 100,00
Persistente	420,00
Total	83.490,00

Cercos:
Amazona 1 020,00

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 5 a 11 de Setembro, a Farmácia Carrilho, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 28 de Agosto a 4 de Setembro:

Entradas:	
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.	
TAMAR, Israel, de 2.372 toneladas, de Génova, com carga diversa.	
SHELL ONZE, Português, de 358 toneladas, de Lisboa, com gasóleo.	
Saídas:	
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, para Lisboa, com minério.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, para Lisboa, com minério.	
TAMAR, Israel, de 2.372 toneladas, com cortiça e conservas.	
SHELL ONZE, Português, de 358 toneladas, para Lisboa, vazio.	

HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:
Rápido todos os dias, às 13,13,
Correio, às 21,33 todos os dias.
Partidas de Vila Real - Lagos:
As 6,38, 15,43, 16 e 18.

Trespasa-se

ALFAIATARIA YORK, na Rua S. João de Brito, em Vila Real de Santo António.

Holland-America Line
SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

"Ablasserdyk"

carrega em LISBOA em 28 de SETEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DARRO» — 18 de Setembro
«DIEMERDYK» — 3 de Outubro
«DURANGO» — 19 de Outubro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

Vida Literária

Secção orientada por J. A. Mendes Leal

A CRÍTICA DO MÊS

JOGOS SELVAGENS

por Paul Colin

Paul Colin ganhou, em 1952, com este seu romance, que Estudos COR em tão boa hora apresentaram aos leitores portugueses, um dos mais cobiçados prémios literários que em todo o Mundo, anualmente se disputam — o Prémio Goncourt. Na própria véspera do grande acontecimento, Paul Colin era muito pouco mais do que um ilustre desconhecido; de então para cá, a França esgotou, 16 por si, mais de duzentas edições sucessivas de «Jogos Selvagens», e as casas editoras dos países civilizados disputaram entre si o privilégio de lançar essa mesma obra nos respectivos mercados livres.

Medir a qualidade dum livro exige alguma coisa mais do que a simples e fria análise de uns poucos de números — às vezes um tanto deturpados — mas a verdade é que eles podem dar a justa medida do interesse do público e elucidar-nos acerca das reacções dos leitores. Encaradas as coisas sob este aspecto puramente estatístico, «Jogos Selvagens» constituem, antes de mais nada, um colossal êxito de livraria. Muitos e variados são os factores que podem determinar o sucesso — ou o insucesso — duma obra literária, e, muitas vezes até, o seu real valor não figura entre os mais prepon-

derantes desses factores. Poder-se-iam citar exemplos sem fim de romances, com pouco ou nenhum mérito, e que no entanto aparecem nas listas dos «best-sellers», aureolados mesmo com traduções em diversas línguas estrangeiras. E para ilustrar estas afirmações, não é preciso sequer sair para além das nossas fronteiras...

Neste caso particular de «Jogos Selvagens», os núcleos que ilustram a sua expansão, e as versões que pelo mundo foram surgindo, reflectem com veracidade a alta qualidade do romance.

A obra — que é vasta — divide-se em três partes. Duas — a primeira e a última — tendo por teatro o Faial, propriedade dos Gane, e uma — a segunda — cuja acção se desenvolve em Paris. As três partes sucedem-se naturalmente, sem quebra do interesse ou da acção. Das quatro personagens, que se movimentam na primeira parte, e que são, todas elas, adolescentes, uma se destaca por particularmente bem retratada. Referimo-nos a Jean Jacques. Soube o autor emprestar-lhe vigorosos traços de carácter e reacções que, sendo imprevisíveis, são, no entanto, consequência lógica do carácter arrebatado que Paul Colin foi desenhando, página a página. Dos quatro, é Denise, quanto a nós, a personagem mais fracamente esboçada.

Sente-se, através das páginas desta primeira parte de «Jogos Selvagens», a influência dessa geração do «post-guerra» que, em França, ficou triatamente célebre pelos seus crimes profundamente imbecis e pela sua depravação, que nem mesmo o ambiente que se seguiu ao grande conflito, pode explicar, e muito menos justificar. Francisco, Cláudia, Jean Jacques e Denise parecem ser, na verdade, retratos romanceados desses famosos J3, que assombraram a gente civilizada, com os seus costumes estranhos e a sua estranha noção de moralidade. Paul Colin deixou-nos nestes capítulos as mais vinçadas pinceladas da sua grande sensibilidade de romancista.

Francisco domina toda a segunda e, principalmente, toda a terceira parte de «Jogos Selvagens». O tempo passou e nós vamos já encontrar em Paris um Francisco, homem, despido da timidez que contrastava com a temeridade de Jean Jacques. Cláudia transformou-se numa mulher de carácter incerto e indeciso, mas que a morte de seu irmão temperou e consolidou. Duas novas personagens fazem a sua aparição nesta segunda parte, tendo uma delas grande influência no desenrolar dos acontecimentos, e a outra um interesse apenas passageiro. Referimo-nos à irmã de Denise e a um estudante, amigo e companheiro de Francisco. A primeira, de cuja acção o autor fez depender de certa maneira, o final do romance, é, quanto a nós, a mais fraca de todas as personagens, que se movimentam na obra de que vimos falando. Consideramo-la sem grande verdade psicológica e destoando nitidamente do alto nível em que colocámos «Jogos Selvagens». E, aliás, a única sombra de toda esta luminosidade literária.

Finalmente, na terceira e última parte, Francisco reaparece no Faial, vivamente interessado no melhoramento da sua propriedade e no engrandecimento da aldeia através da cultura do espargo, principal riqueza da região. De-

GAZETILHA

Os «Companheiros»

Uma orquestra, alguns artistas, concursos malabaristas, propaganda radiofónica, um locutor afamado e eis aqui apresentado o assunto desta crónica.

Sabem decerto o que é, o Caeiro e a Lélé mais a sua fantasia, no team que tem por norma estar sempre em boa forma: «Companheiros da Alegria»!

Espectáculo original, o cenário é quase igual e os bilhetes algo caros, mas traz, em compensação, bom humor, animação e prémios não muito raros...

Destá vez os «Companheiros» deram «título» aos Bombeiros com vistas ao «edifício», em troca levaram «massa» e à terra trouxeram graça, houve mútuo benefício...

BIN OCLO

SUBSÍDIOS

PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA

DE VILA NOVA DE CACELA

IV

QUANDO, em 1249, D. Afonso III entrou na posse definitiva do reino do Algarve, era então Cacela uma vila agarena bem fortificada.

Fosse ou não fundada pelos povos pre-históricos e escolhida pelos Cúneos, para sua *Capital*, com o nome de *Cunistorgis*; fosse ou não fundada pelos

POR
MANUEL DOS SANTOS CABANAS

Pátria, nos primórdios da monarquia. Cacela entrou, pois, no domínio português rica e poderosa. Assim o atestam todos os historiadores antigos e



INFANTE D. HENRIQUE, Fundador da Escola Náutica em Sagres

(Gravura em madeira de M. Cabanas)

Fenícios ou Romanos, o que é certo é que, no tempo dos *Árabes*, ela gozou de uma grande importância militar, sobre a designação de *Hisp-Castala*, e hoje, a ninguém é lícito duvidar do preponderante papel que Cacela desempenhou, depois de engastada na coroa portuguesa, nas lutas que os exércitos da cruz tiveram que sustentar com os mouros até à sua expulsão definitiva do Algarve.

D. Diniz deu-lhe o foral em 1283, o qual se acha registado a folhas 77 v. do Livro I, de D. Diniz, que se encontra na Torre do Tombo.

1.º prova a sua grande importância e os altos serviços que ela prestou à

modernos. De outro modo, não a teria D. Sancho II doado à Ordem de S. Tiago, quando a conquistou aos mouros.

Pois de todas essas passadas grandezas, nada nos resta. Nem uma pedra, que nos possa atestar o sítio em que estava fundada, e que nos conte a sua gloriosa história.

O que é feito, pois, da *Cunistorgis* dos Cúneos, da *Hisp-Castala* dos Mouros, da importante vila de Cacela dos primeiros tempos da monarquia portuguesa?

Tudo se perdeu. Parece, até, que martelo implacável desmoronou as suas muralhas e baluartes, e que, por irrisão,

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

Respondendo a uma Carta

N. da R. — A propósito de um comentário sobre a rádio nacional, feito pela sr.ª D. Maria Manuela Nunes, neste jornal, na secção «Conta-Gotas», recebemos uma carta que publicámos oportunamente.

A carta que se segue, em resposta àquela e que nos foi enviada pela nossa ilustre colaboradora, só agora vem à estampa, porque a absoluta carência de espaço com que lutamos não nos permitiu publicá-la mais cedo, como desejávamos.

Pedimos, pois, à sr.ª D. Maria Manuela Nunes as nossas desculpas pela involuntária demora na sua publicação.

Meu caro senhor,

Só a muita consideração que tenho por V. me leva a responder à sua carta inserta no número 10 deste jornal. E' que a fragilidade dos seus argumentos(?) é tão evidente, que ocioso seria chamar a atenção do «leitor desprevenido». Não quero, porém, deixar de agradecer-lhe aquilo que V. não queria fazer — e fez, e eu nem sequer poderia tentar dando o carácter e o reduzido espaço da secção que mantenho no jornal, «Conta-Gotas»: dizer alguns porquês da mediocridade radiofónica nacional. Aqui estou, portanto, a agradecer-lhe de todo o coração e, ao mesmo tempo, a incitá-lo a novos esforçados cometimentos a favor «dessa tão vilipendiada rádio». Mas, pelo amor da mesma «vilipendiada», quando voltar a terçar armas procure fazê-lo com um pouco

mais de ponderação. E' que, sabe, a sua carta dá uma sensação de música extremamente ligeira, composta durante um breve intervalo dos ensaios. Pensei — pelo ímpeto com que visava o meu pobre «frasquinho de ácido sulfúrico», que V. ia demonstrar que não, não senhora, a rádio portuguesa não era nada medíocre; que possuía um alto sentido moral, educativo, cultural. E que, para meu interesse, iria enumerar as rubricas, produtores, horas e ondas onde eu poderia matar a longa sede de arte, de beleza, de cultura. Afinal, nada disto aconteceu. Ficou tudo em suspenso. Soaram as pancadas de Molière. Mas o palco continuou vazio e silencioso. Só, na plateia, alguém gesticulava, de um lado, lamentando que o palco estivesse vazio, enquanto, numa das frisas, alguém protestava exuberantemente: não, o palco não estava vazio, isto é, estava vazio porque...

Passemos, sem qualquer demora, sobre determinadas afirmações contidas na carta (como a de ser o executante um desdobramento da personalidade musical do compositor; como a de não saber quem era o Pégaso tendo, linhas antes, mostrado que o sabia; como a peregrina ideia de que a música se podia dividir em clássica, sinfónica, de concerto, etc.), e que a mesma música era uma linda mulher nua, etc., etc.; como a de que o autor da carta vibra igualmente escutando Beethoven ou qualquer modesto fado, género fado tétrico, de que nos é dada notícia com tanta minúcia; como a de que o número que tenha palminhas é de agrado certo, porque o povo gosta de: intervir (pois claro, meu caro senhor, essa é uma das grandes características deste século!) — para nos fixarmos na tese fundamental, defendida por V.:

A mediocridade deve-se:
a) à necessidade de satisfazer os gostos mais dispares.
b) à total ignorância, tacto comercial e nulo sentido radiofónico da maioria dos comerciantes a quem a Rádio-publicidade está sujeita.

Agradei já o ter tentado V. dar uma explicação da mediocridade do nosso meio radiofónico, embora discordo da atitude que toma depois: a de passividade. Verifica-se que a Lua é um planeta secundário e como, para modificar esse estado de coisas, nada é possível fazer, que remédio senão deixar que a Lua continue sendo o que é! Nada disso, meu caro senhor! Criar na opinião pública um estado de «resistência» (isto é: de não aceitação) a certas formas de actividade «dessa tão vilipendiada rádio» seria contribuir para a elevação, para a dignificação do trabalho radiofónico. Mas V. não quer revolver o mundo... Sente-se pequeno diante da grandeza da tarefa... Deixou-se vencer pelo «amontoado de pugnas e desilusões... Paciência.

Deixe-me dizer que discordo em absoluto da tese acima enunciada, como resumo do mais substancial da sua carta.

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

TÊNIS

na Praia da Rocha

Por não corresponder à verdade a parte final da notícia que, com este título, demos no nosso último número, visto ter-nos sido dada uma informação errada, esclarecemos os nossos leitores de que quem presidiu à distribuição dos prémios do torneio de ténis foi o sr. Salvador Vilarinho, ilustre presidente da Câmara Municipal de Portimão, e que o presidente do Clube de Ténis da Praia da Rocha é o nosso querido amigo sr. Eng.º João Deodato Neto Caboz.

Indústria de conservas

A Direcção Geral dos Serviços Industriais concedeu à firma Ramirez & C.ª L.ª uma última prorrogação, por vinte e quatro meses, para levar a efeito a reabertura da fábrica de conservas de peixe em molhos e salmoura, prensado e filetagem, autorizada por despacho de 3 de Maio de 1951, em Vila Real de Santo António.

Parabens aos dirigentes do Glória F. C.!

A notícia, inserta neste jornal, de que o Glória F. C. vai reorganizar o seu grupo cénico «Gil Vicente» encheu-nos de júbilo. Efectivamente, esta iniciativa deve merecer o caloroso aplauso e a franca ajuda de todos, pois trata-se de um empreendimento cultural e recreativo, que não pode deixar indiferentes aqueles que prezam a cultura e amam todas aquelas coisas que embelezam e enobrecem a vida.

Um grupo cénico, mesmo quando modesto, é um valor de arte. E' uma escola de bom gosto onde se educam maneiras, se aperfeiçoa a dicção e se amalha saber. E', além disso, um ex-poente artístico das qualidades intelectuais de uma terra e contribui para o prestígio desta. E depois de tudo isto, um grupo cénico proporciona às populações a exibição de obras teatrais que, sem ele, a maioria das pessoas nunca teria possibilidades de apreciar.

Um grupo cénico é, pois, um elemento fundamental não só para recreio como para ilustração do povo.

Conhecemos muitos agrupamentos teatrais de amadores, espalhados por todo o País. Alguns deles têm fama nacional. E uma das coisas que sempre mais nos impressionaram foi a verificação da camaradagem e do respeito que se observa entre os seus componentes. Ao lado de modestos operários e empregados, temos encontrado as meninas e senhoras mais ilustres das localidades que com aqueles colaboram, na meritória finalidade de propagar a arte e valorizar o nível intelectual dos seus contemporâneos. De princípio, ainda padecendo de certas enfermidades inerentes a meios hoje absolutamente desactualizados, achei estranha tão honrada e simpática camaradagem. Hoje, a surpresa inicial diluiu-se ante a feliz realidade. Todos trabalham para glória da arte e valorização do seu povo. De resto, é precisamente às camadas mais ilustradas que compete dar o exemplo, secundado com os seus recursos e com a sua presença, como actores ou, ao menos, como espectadores, iniciativas tão meritórias e simpáticas como é essa do Glória. Oxalá não lhe faltem o carinho e o apoio que merecem empreendimentos de utilíssima finalidade!

Deitemos fora preconceitos e toleimas impróprias de pessoas normais e conscientes do que são e do que valem, e mãos à obra!

E não se lamentem de não ter campo!

Job

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)



TINTAS DYRUP

Fábrica de Tintas de Sacavém-S. A. R. L.

Agentes Distribuidores no Algarve:

FIAL-Fomento Industrial e Agrícola, Lda.

Largo S. Luiz FARO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Agente - ALFREDO CAMPOS FAISCA

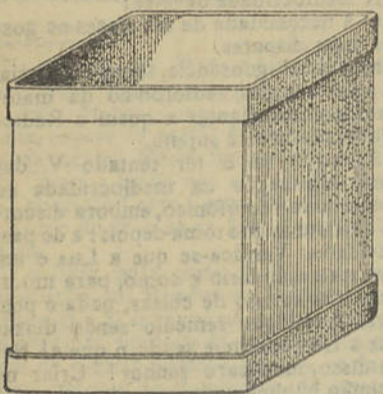
PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António.

Acabaram as dificuldades com a falta de água nos prédios com 1.º andar



Instale um depósito de **LUSALITE** e a água está sempre ao seu dispôr

CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de interiores e exteriores

paredes e muros

frontarias de casas ou edificios

outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pó que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES AOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

CEMPEXO

DE COR FIXA

DURA MAIS

RENDE MUITO

HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 - AV. CONDE DE VALBOM, 96 - LISBOA

AGENTES { em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL
em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO
em Oihão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

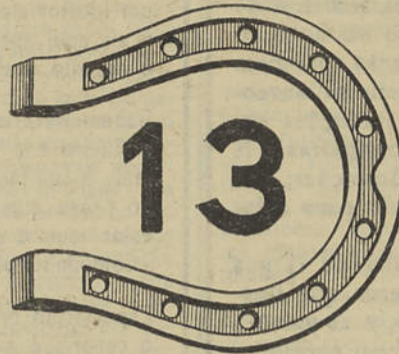
VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS

de Consumo e Exportação

QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa

é o seu Proprietário

AGENTES EM:

África e Brazil

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,

«Minha Ultima Marca»

e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Crédit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefone { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

Vendem-se

Duas CASAS, uma na rua D. Pedro V, 53, e outra na rua Dr. António Passos, 64.

Quem pretender dirija-se á rua Candido dos Reis, 53, — Vila Real de Santo António.

Prédio na Praia de Monte Gordo VENDE-SE

Frontes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave á sr.ª SULPICIA, Rua António Nola, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos Rua Fernandes da Fonseca, 12 2.º Telefone 28034 — LISBOA

EXTERNATO NACIONAL

(ANTIGO COLÉGIO NACIONAL)

Vila Real de Santo António

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA ADMISSÃO AOS LICEUS

CURSO LICEAL — (1.º e 2.º Ciclos)

Estão abertas as matriculas na Secretaria do Externato, das 10 às 12 e das 15 às 17 horas

Rua Teófilo Braga, 58

Ex.ºs Senhores

O seguro de Acidentes de Trabalhos já atingiu no nosso País um apreciável desenvolvimento, e é hoje indispensável a todas as entidades patronais, independente da qualidade de empregados ou assalariados que tenham ao seu serviço.

Embora a lei sómente estabeleça a obrigatoriedade de seis ou mais, o certo é, que bastará um acidente de certa gravidade, com um só empregado, para, por vezes, desequilibrar a economia de uma entidade patronal.

O depósito obrigatório em caso de sinistro, poderá custar umas dezenas, e por vezes umas centenas de contos.

Como remediar?

BASTA TELEFONAR AO N.º 118

ANTONIO SOARES

AGENTE DE SEGUROS

que imediatamente está às ordens de V. Ex.ª para lhe dar todas as explicações necessárias

VIDA LITERÁRIA

[CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA]

nise é hoje sua mulher, e ambos adoptam uma criança, que é, nem mais nem menos, do que um filho natural de Jean Jacques, que o povo abateu a tiro, como teria abatido uma fera, por causa das suas loucuras que culminaram no estrangulamento da sua amante.

Estamos indiscutivelmente perante um grande escritor, capaz de transmitir ao leitor os mais descontraçados sentimentos e capaz de pintar, em traços fortes e nítidos, a forte personalidade das suas personagens. O júri, que distinguia «Jogos Selvagens» com o celebre Prémio Goncourt, premiou na verdade um romance de grande valor, da autoria dum escritor ainda muito jovem e que pode, portanto dar nos ainda outras obras de igual ou maior valia. Ficamos, pois, esperando o romance que se segue...

J. A.

NOTICIÁRIO DO ESTRANGEIRO

● A Academia Francesa atribuiu o Prémio Gobert, destinado a galardão uma obra histórica, ao livro de Jacques Herissay intitulado «La Vie Religieuse a Paris Sous la Terreur».

● O Grande Prémio do Aero Club de França acaba de ser concedido ao livro «Un Enragé du Ciel», da autoria de Roger Henrad e com um magnífico prefácio de Jules Roy.

● «Le Monton Noir» é a última obra de Jacques Pery, o conhecido autor, a quem foi atribuído, em 1952, o cobiçado prémio Renaudot, com o romance «L'amour de rien».

● A Sociedade dos Leitores, cujo júri foi este ano presidido por Albert Beguin, assinalou, para o mês de Junho, as seguintes obras: «Dostoievski le Coupable», de Dominique Arban e «Pigeons sur l'herbe», de Wolfgang Koeppen.

● Georges Bordonove, que em 1952 recebeu o Prémio do «Renouveau Français», acaba de ver publicado um novo romance, que intitulou «Pavane pour un Enfant».

● A Academia Francesa faz disputar anualmente um prémio literário — Prémio Max Barthelemy — destinado a galardão um escritor de menos de trinta anos. Chamam-se a isto estimular os novos, e não parece que as Letras francesas se tenham dado mal com esta sua política...

● O Prémio Paul Flat foi também instituído pela Academia Francesa e destina-se a premiar a melhor obra de crítica e o melhor romance, publicados por um autor cuja idade esteja compreendida entre os trinta e os quarenta anos. E, por hoje, não quero citar mais nenhum exemplo desta inteligente orientação da literatura francesa. Estes dois já bastam para nos sentirmos diminuídos, por comparação...

NOTICIÁRIO NACIONAL

● «Uma Abelha na Chuva» é o sugestivo título do último romance de Carlos de Oliveira. Edição bem apresentada, sob o auspício da Coimbra Editora.

● Cheorghiu, o famoso autor do romance «A 25.ª Hora», acaba de ver traduzida em português mais uma sua obra. Trata-se de «A Única Saída», que a Livraria Bertrand lançou, recentemente, nas livrarias.

● Vitorino Nemésio teve recentemente a satisfação de ver o seu romance «Mau Tempo no Canal» traduzido para o francês. É sempre uma honra para as nossas Letras que uma casa editora francesa

mostre interesse por qualquer obra dos nossos prosadores, mas convém não exigir nas manifestações de regozijo... A literatura portuguesa continua a ser, mesmo nos meios intelectuais estrangeiros, uma muito ilustre desconhecida.

● Mais uma obra de José Lins do Rego traduzida para português, e incluída nas Edições dos Livros do Brasil. Desta vez é «Fogo Morto», um romance.

● Festejamos, entretanto, mais um número de LER. A primeira condição para a existência duma literatura, no amplo e universal sentido desta palavra, é a continuidade. Isto só se obtém à custa dum trabalho perseverante, a par dum sério trabalho de divulgação. São estas as ingratas missões duma revista que, como LER, se consagra exclusivamente ao Mundo das Letras e das Artes. As «capelinhas» e as «esquinas do Chiado» só podem gerar literaturas regionais, muito interessantes, mas a precisarem urgentemente duma «recauchotagem», que as deixe como novas.

RESPONDENDO a uma Carta

[CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA]

Pode dizer-se, mesmo, que, quanto à alínea a), o contrário é que está certo. E senão, veja que a «vilipendiada rádio» está, cada vez mais, perdendo público em valor para ganhar público em número. Isso é o que, em última análise, determina a mediocridade dela, vista a incultura de um povo com índice de analfabetismo realmente assustador, cujas necessidades de distração é necessário satisfazer — e aproveitar. Tanto a, elite, burguesa como a, elite, operária estão divorciadas, ignoradas, da Rádio. O maior consumo pertence a uma burguesia, que deseja apenas roer descançadamente o seu osso e a uma pequena burguesia sem horizontes, não falando nas camadas populares mais baixas, interessadas nas múltiplas rúbricas desportivas e de fados, e nos jovens e nas jovens doentamente interessados nos ídolos do hóquei e da bola, eles, no Sintra, Francisco José, Rui de Mascarenhas, etc., etc., elas. Se V. quiser comprovar a sua afirmação, diga-me, por exemplo, se algum programa infantil satisfaz o gosto dos ouvintes mais pequenos (pelo amor de Deus, não me fale da «meia hora» da Emissora!); se algum programa cultural satisfaz o gosto de um vasto sector realmente interessado; se algum programa educativo atinge as vastas massas deseducadas. Concorde comigo em que, a esses, a rádio portuguesa nada tem para lhes dar. Porque, meu caro senhor, há ainda neste país muitas pessoas que não vibram com o mais modesto fado.

Não me diga que a rádio perderia a sua base máxima — possivelmente o que mais interessa à publicidade — se voasse mais alto. Não acredito. Pelo menos, em muitos campos de actividade cultural ou artística não acontece isso. O argumento de que o «povo é uma criança» pertence realmente a quem a quem interessa não tratar o povo como adulto. Leu, no «Diário Popular», as curiosas afirmações de Américo Durão sobre os Concertos populares gratuitos, organizados pela Câmara de Lisboa no Pavilhão dos Desportos? Ao princípio, o público não queria os bilhetes nem de graça; agora ocorre em grande número, mostrando preferência pelas composições mais arrojadas. No próprio jornal em que a sua carta vinha publicada, poderá V. atentar em certos aspectos curiosos. Por exemplo, na Secção de Cinema enquanto se verifica o mesmo que eu verifiquei, em relação à Rádio («...por razões que têm a sua origem no baixo nível cultural do nosso povo...») também se afirma que já existe, em larga escala, uma preocupação de escolha, de selecção que, mais cedo ou mais tarde, determinará a impossível digestão das mixórdias hollywoodescas. Também no belo artigo intitulado «Quando teremos Biblioteca Pública?» se diz: «têm estas (as bibliotecas) ainda o grande mérito de atrair um certo número de indivíduos da classe popular que são forçados, sobretudo no inverno, a ficar aborrecidos em casa ou a distraírem-se em cafés e tabernas...» cita o caso, para governo dos descrentes, da Biblioteca da «modéstissima Vila Flor», que possui enorme frequência. Eu vi o povo de Alfama aplaudir um recitador de Camões, Fernando Pessoa, Sá Carneiro,

Festas a Nossa Senhora das DORES

na Praia de Monte Gordo

Vão realizar-se, nos dias 12 e 13 do corrente, as tradicionais festas da Praia de Monte Gordo que, como de costume, devem atingir grande brilho. O programa está assim organizado: dia 12, às 7 horas, alvorada com foguetes; às 17, corrida de bicicletas com o seguinte itinerário: Monte Gordo-Vila Real de Santo António (estrada da Mata)-Monte Gordo (estrada Nacional); às 18, provas de motociclos com o seguinte itinerário: Monte Gordo-Vila Real de Santo António-Castro Marim-Gancho-Monte Gordo. Dia 13, às 11 horas, missa solene a vozes e orquestra e sermão; às 14, corrida de fitas; às 16, encontro de futebol entre o G. D. Celeiro-G. D. Beira-Mar, assistindo uma banda de Loulé; às 18, saída da procissão com a imagem de Nossa Senhora das Dores, acompanhada pela banda, a qual percorrerá o costumado itinerário à beira-mar. À noite, na Praça Luís de Camões, concerto musical e quermesse. Serão queimados fogos presos e cascatas.

As inscrições para as provas de bicicletas e motociclos podem ser feitas no Café Firmino. Haverá prémios para todas as provas.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República-Telefone 12

etc., mas aplaudir com os olhos ardentes de emoção, absolutamente conquistado. Eu vi o público da Apa, aquele que repete mil vezes «Filomena onde está o meu?» seguindo um condutor brasileiro, levantar-se e aplaudir até ao delírio João Vilarett. Isto mostra que há no povo português imensas reservas espirituais que a Rádio, pura e simplesmente, ignora.

Muito mais fica por dizer. Mas esta já vai longa e eu não quero, de forma alguma, abusar da paciência do leitor. Eu gostaria, porém, que esta conversa se alargasse, que nela viessem tomar parte todos aqueles que, de qualquer forma, pudessem contribuir para um melhor esclarecimento. Que pudessem contribuir objectivamente, sem personalismos de qualquer ordem. Assim, proponho ao leitor os seguintes quesitos:

- 1) Acha que a rádio portuguesa se deve confinar na tarefa de distrair o público ouvinte?
- 2) Se não, que outras tarefas lhe deviam incumbir?
- 3) De algumas dessas tarefas ter-se-á a rádio portuguesa desempenhado cabalmente?
- 4) Parece-lhe que a massa ouvinte reagiria desfavoravelmente perante rúbricas de carácter cultural ou educativo?
- 5) Tem, em relação ao meio radiofónico, experiência vivida cuja comunicação interesse?

Antes de fechar esta longa carta, quero felicitar-lo pela extrema correcção de que deu provas. Interessou-se — não é assim que se diz na bola? — apenas no «jogo pelo jogo». E seria tão fácil descombar pela ironia fácil... Pelo menos, certas polémicas radiofónicas demonstraram haver na rádio matéria farta para humorismo.

Aceite os protestos de muita consideração de

Marla Manuela Nunes

Subsídios para a História de Cacela

[CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA]

o mar escondeu no seu seio, o sítio em que ela existiu.

Por isso, hoje, só quem tiver o privilégio de conhecer a linguagem das ondas, no seu marulho, poderá, por seu intermédio, saber qual foi o seu destino. Desceu tanto, que nem um centro de população, nem um monte, lhe herdou o nome. O nome de Cacela, foi apenas o nome que lhe ficou, para designar a freguesia e que provém da antiga Vila, que as ondas do oceano destruíram.

Decaiu tanto, tanto, que chegou a ponto de perder as honras de constituir uma simples freguesia, como sucedeu em 1774, no tempo de Marquês de Pombal.

Só alguns anos mais tarde, — cremos que em 1784, — conseguiu alcançar o direito de se constituir, novamente, em freguesia, mas esta pertencente ao concelho de Vila Real de Santo António, que se havia acabado de fundar. Mas a sede, tinha simplesmente o nome de Igreja.

Mas, o que aconteceu a Cacela, tem acontecido e estará para acontecer, certamente, a muitas cidades, vilas e povoações, ricas e florescentes, que sucumbirão em um futuro mais ou menos longo. A morte é uma condição da vida, e está muitas vezes dependente, de uma série de fenómenos naturais que nós, os homens, somos impotentes para impedir e que não sabemos ainda definir e explicar.

Quantas e quantas terras, ricas e poderosas, não terão sido destruídas, pelo avanço do mar e outros fenómenos físicos, tais como os abalos de terra, vulcões, etc., etc.?

A sua irmã, a pequena vila de Santo António de Arenilha, que existiu pouco mais ou menos no sítio onde hoje se encontra Vila Real de Santo António, segundo, uns, e segundo outros, entre Castro Marim e Cacela, sucumbiu, e todavia ainda no Século XVII existia povoada, como o afirma Estácio da Veiga, no seu livro «Antiguidades Monumentais do Algarve».

Pois hoje não há um único indício seu. Tudo o mar escondeu no seu seio.

Foram muitos os fenómenos, que contribuíram para a decadência da antiga Vila de Cacela.

Desde que ela foi integrada, pela conquista, na coroa portuguesa, não mais deixou de pegar em armas, para se defender das constantes arremetidas dos mouros e piratas, que não se podiam esquecer de que lhes tinha pertencido. Cacela era uma das vilas marítimas, que mais sofria, porque os argelinos lembrados de que o seu castelo tinha sido deles e era um dos mais fortes de toda a costa algarvia, contra ela aprovam a maioria dos seus barcos.

Foi desesperada a luta que os seus filhos tiveram que sustentar, durante séculos, derramando o seu sangue constantemente, em pelejas encarniçadas para se defenderem. E esta herança de sangue, que era transmitida de pais para filhos, durou muitos séculos.

Por outro lado, a fundação da Escola Náutica, em Sagres; os serviços prestados na armada; as descobertas e conquistas em África e no Oriente; a colonização das terras descobertas e conquistadas na Índia e América; e por último, os socorros prestados às praças cercadas, como Arzila em 1516, Mazagão em 1576 e muitos outros serviços prestados à Pátria, em que tomaram parte muitos algarvios e implicitamente cacelenses, acabaram de esgotar as suas forças.

As pesarias do alto mar, especialmente a pesca da baleia, deram ao Algarve práticos e experimentados homens do mar. Agremiados nas Confrarias, Irmandades ou Casas do Corpo Santo, corporações mais conhecidas pelo nome de Compromissos Marítimos, foram verdadeiros viveiros de marinheiros e pilotos, conhecedores da navegação de altura, pela constante exploração do oceano, em longas e demoradas viagens.

Não foi sem motivo que o Infante D. Henrique escolheu Sagres para fundar a Escola Náutica, e dirigir dali as pri-

meiras navegações, que mais tarde haviam de ser coroadas do maior êxito. Ele devia estar bem informado das excepcionais condições que lhe oferecia o Promontório Sacro, e do valor e capacidade dos nautas algarvios.

Ouçamos o que diz Zurara, na sua linguagem simples.

«Por quanto o regno jaz todo na costa do mar ouçiano, a mayor parte da seruentia é em nauios.

«Os moradores daquele regno (reino do Algarve) pela mayor parte sam homens audaces e fortes, especialmente sobre o mar.»

Poucos eram os barcos que demandavam as barras do País, que não levassem soldados algarvios, para batalharem em regiões longinquas e alimentarem as guerras que tivemos de travar em África e na Índia, para impor e consolidar a nossa soberania.

Simultaneamente, as ondas do oceano a lamberem-lhe os alicerces das suas casas e a absorver-lhe o solo; as lutas permanentes com os mouros das terras que lhe ficavam em frente, desde a boca do estreito de Gibraltar até Tremecem; os sacrificios de toda a ordem que lhe foram exigidos e, por último, o domínio espanhol, durante 60 anos, completaram o trágico quadro da sua ruína.

Exausta, sem forças, com a sua população cada vez mais reduzida, Cacela encostou-se desalentada, heróicamente vencida, por não poder lutar mais.

Decaiu a agricultura, definharam-se as suas indústrias, e a pesca, o seu ramo mais importante, quase se perdeu. Eram os pescadores os que mais sofriam, devido às proximidades do mar, por onde os seus inimigos do mar atacavam.

Então os seus filhos, aqueles poucos que ainda lhe restavam, desanimados, foram abandonando a vila, ameaçada pela fúria indomita das ondas, e fugiram aos seus implacáveis inimigos, espalhando-se pelos vários sítios da freguesia, pelos seus montes, pelas suas fazendas, pelas suas quintas e pelos seus campos, características estas que ainda hoje mantêm, mas sem um aglomerado populacional a que se dê propriamente o nome de Cacela.

Manuel dos Santos Cabanas

Noticiário da Província

F A R O

[CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA]

visto eu ter ocasião de ver, no treino, que não aguenta o tempo regulamentar.

E terminou: — Se houver espírito de compreensão e boa vontade a par da disciplina indispensável, espero fazer trabalho meritório. Tudo depende porém da colaboração que me dispensarem os dirigentes e jogadores, dos quais faço por intermédio do Jornal «Notícias do Algarve», as melhores referências.

* * *

Por iniciativa duma comissão de sócios do S. C. Farense exibir-se-á, na Alameda João de Deus, amanhã, um grupo de artistas da Emissora Nacional. A receita líquida é a favor do clube da cidade.

Dizem nos, de fonte segura, que Rogério, o jovem defesa que pertenceu ao S. C. Olhanense, recomeçará os treinos esta semana, no Estádio de São Luís.

O jovem defesa do Farense, José Alves, não alinhara esta época pelo clube algarvio, visto ter que abalar para Caldas da Rainha, onde vai prestar o serviço militar.

Dizem-nos que Edmundo, que actualmente joga no Futebol Benfica, envergará outra vez a camisola do clube da sua terra natal. O dito jogador já começou os treinos e tem agrado, embora o S. C. Farense não se tenha posto até esta data, em contacto com o clube de Lisboa. — E.

É' sinal de bom gosto e de economia, usar somente...

Gamisas, Cuecas e Pijamas

CONFECÇÕES

Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

O 2.º Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa, visitou Vila Real de Santo António

Em visita de Inspeção à Corporação dos nossos Bombeiros Voluntários, esteve nesta vila, no passado dia 21 de Agosto o sr. Capitão de Engenharia Rogério Cansado, ilustre 2.º Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, de Lisboa, tendo oportunidade de verificar a presteza dos nossos bombeiros em acorrerem à chamada de socorro que inesperadamente lhes foi feita; porquanto, nesse tempo «record» de 4 minutos e meio, as viaturas de socorro estavam em condições de prestar o seu auxílio num sinistro que, felizmente, não se verificou, pois a chamada não passou de um simples exercício.

O sr. Capitão Rogério Cansado, que depois dirigiu algumas palavras de apreço, pela rapidez com que os nossos Bombeiros corresponderam ao respectivo sinal de alarme, teve ocasião de constatar a dificuldade com que a corporação luta para desenvolver parte da sua acção de socorro, designadamente no que se refere ao funcionamento da sua auto-bomba, pois era necessário estender mais de 600 metros de mangueiras para atacar o local de incêndio que se imaginara, em consequência da distância que separa as existentes bocas de incêndio.

No entanto, o ilustre dirigente de bombeiros não ocultou a sua satisfação pela maneira hábil como actuaram os nossos Bombeiros que, dentro das possibilidades de que dispõem, constituem uma salvaguarda apreciável na defesa da população, em caso de sinistro.

A parte respeitante ao aquartelamento, que notou ser bastante deficiente, não estava porém em sua mão, segundo opinou, ajudar a resolver.

GRUPO EXCURSIONISTA

OS 30 MIUDOS DA CARRIS

(Do Pessoal dos Carros Eléctricos de Lisboa)

Lisboa, 13 de Setembro de 1950

Ex.º Sr.

Proprietário da Pensão Mateus
Vila Real de Santo António

A Direcção do Grupo Excursionista os Trinta Miudos da Carris de Lisboa, e seus componentes, ao finalizar a sua digressão pelo país, vem por este meio mui respeitosamente agradecer a V. Ex.ª e ao seu mui digno pessoal, a forma agradável como foram recebidos na sua magnífica casa, quando de passagem, no dia 9 de Agosto de 1950, por essa linda vila hospitaleira.

Em nosso nome eno de todos os componentes, queira V. Ex.ª, assim como todo o seu digno pessoal, receber o testemunho do nosso reconhecimento.

Subcrevendo-me de V. Ex.ª muito atentamente,

pela Direcção
a) Manuel Pereira

Não hesite, anuncie no «Notícias do Algarve» e verá aumentar as suas vendas.

Reflexões sobre o Cinismo

O CINISMO é uma criação recente, um produto de uma época que, primando pelo refinamento dos costumes, ainda não abandonou a ganga de um primitivismo agressivo e bárbaro. E' também um produto de uma determinada cultura, norma de um estilo de vida; estigma de classes sociais que, desprezando a vida e os seus melhores valores, mergulham nos abismos da indiferença e da aviltação da própria vida. Cada época tem o seu próprio cinismo, da mesma maneira que cada homem tem os seus vícios e cada mulher os seus segredos. Maquiavel aconselhou-o unicamente aos poderosos, aos reis, aos homens do mando; mas, depois da morte do florentino, se muita água correu nos rios, também o cinismo se popularizou e progrediu. Hoje não há pobre diabo que não namore esse ídolo e não aprecie mergulhar as mãos nas bocetas douradas, onde se agita a viscosidade da podridão moral. Há o cinismo frio, calculista, que se elabora calmamente no meio de fofos «maples» e fumo de cigarros caros — é o cinismo «raffiné», o cinismo de salão, o intelectualizado — veneno subtil e fino, que aniquila e mata, com a mesma indiferença com que se joga uma vulgar e elegante partida de ténis. Há o cinismo gritante, sacudido de gestos, como uivos de hiena sedenta de sangue, espumando raiva e cólera, cujo maior representante da nossa época foi o nacional-socialista Adolfo Hitler. Há uma tão variada qualidade de espécies de cinismo, que para as classificar seria necessário um Lineu que, em vez de se dedicar á botânica, procurasse estudar todas as tonalidades e matizes do cinismo da vida social. Oscar Wilde foi um cínico a seu modo, um cínico de gestos displícantes, que se comprazia em alfinetar a alta sociedade com espinhos de rosas, em paradoxos atrevidos e ousados; Bernard Shaw, tão ou mais profundo que Wilde, serviu-se do riso para lançar sobre a sociedade o labéu da infâmia e da degradação. E' um erro exigir-se aos escritores as qualidades que se exigem aos políticos e aos economistas. O papel do escritor não é o de curandeiro ou médico dos males que afligem a sociedade. Apontar esses males, cha-

mar a atenção do público e dos responsáveis para a existência ou natureza dessas anomalias, parece-nos seria útil e suficiente tarefa para os que fazem do seu mister alguma coisa mais do que louvar e exaltar o seu próprio umbigo. A utilidade da obra de Shaw reside na sua irreverência, na sua ausência de compromissos com uma sociedade que se lhe afigurava corroída de vícios e virtudes pouco recomendáveis. Que essa irreverência assumida em Shaw um tom cínico, é coisa que não nos deve incomodar muito. Diga-se: o cinismo de Shaw nunca conduz ao desprezo da vida humana, directamente. O seu cinismo é imbuído de crítica; foi apreendido pelo próprio escritor directamente da sociedade, e em seguida, devolvido com maior violência por um homem de talento e de génio. São estas particularidades que abrem um grande fosso entre Shaw e um Piigrilli, que, julgando-se um demolidor não passa afinal de um arremedo de «clwa» da mais baixa extracção. O cinismo de um Shaw é feito de paradoxos, todo êle feito de cultura, de raciocínios e observação. O cinismo do itajiano é urdido de fáceis habilidades; faltam-lhe raízes, seiva, o rico substrato da realidade social.

Lembra-nos um livrinho de Albino Forjaz de Sampaio, que há anos causou verdadeiro furor no nosso país, como novidade de processos literários e de pensamentos rotulados do mais estremo cinismo. Hoje, não podemos deixar de sorrir desses pensamentos, dessas normas. Tudo nesse livro se nos afigura incipiente e ingénua, dum gosto muito grosseiro e muito plebeu. Julgamos que um Bernard Shaw, nos tempos que correm e se avizinham, seria já impossível. Os seus gracejos, as suas críticas leves, as suas «blagues» pertencem já a um mundo morto; hoje, o cinismo reclama outras formas, um pouco mais grosseiras, mais violentas e desesperadas. O cinismo é já hoje expressão do completo desespero em que mergulhou o homem. O cinismo «raffiné» traduzido em sorrisos e palavras eufónicas tede a desaparecer; correspondeu a uma época, a uma fase de hesitação e de incipência da sociedade; hoje, que essa sociedade se encontra perturbada com problemas mais vastos e agudos, sente a necessidade de outra forma de cinismo. Dógenes ou Maquiavel, a quem ainda alguns erradamente chamam os inventores do cinismo, se cá voltassem ficariam assombrados com o panorama que a nossa época lhes mostraria, e, certamente, de mestres passariam a simples e anónimos aprendizes na matéria.

Rodrigues Pena

Cultura do Sal

Segundo nos informam, vai entrar em execução a organização da cultura e comércio do sal, medida muito importante, que vem beneficiar consideravelmente o salgado do Algarve, contribuindo para a solução do difícil problema da sua exploração na nossa província.

O sr. Henrique Borges, pessoa que a este assunto tem dedicado o maior interesse, estudando a melhor forma da sua resolução, deve fazer, em Faro, dentro de breves dias, uma exposição sobre a matéria.

Mais de 11.500 contos distribuídos pelos Bombeiros

DE TODO O PAÍS

Na distribuição da colecta que, nos termos do Código Administrativo, foi arrecadada em 1952 e que o Conselho Nacional do Serviço de Incêndios distribuiu, com a aprovação dos srs. ministros do Interior e das Finanças, foram atribuídos aos Bombeiros do Algarve os seguintes subsídios:

S. Brás de Alportel, 8.000\$00; Lagos, 30.000\$; Loulé, 20.000\$; Monchique, 15.000\$; Faro, (Municipais) 80.000\$, e (Voluntários) 10.000\$; Olhão, 25.000\$; Portimão, 20.000\$; Silves, 20.000\$; Tavira, 20.000\$; Vila Real de Santo António, 20.000\$.

Crónica de Monte Gordo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a miudagem, estavam ainda languidamente estendidos, uns nos toldos, outros pela areia que o sol torrido transforma em verdadeiro e vasto sinapismo...

Risinhos, segredos, olhares de todas as temperaturas (quentísimos, morníssimos e geladíssimos...), brincadeiras de... «camaradagem», liques nervosos, cócegas inofensivas, tudo os nossos olhos enxergam. E não só os nossos olhos, mas muitos outros que, atrás duns vidros corados, colecionam, para o almoço, os mais variados e aliantes aperitivos... e pratos de sustância... Bom proveito!...

Não nos recorda de, alguma vez, Monte Gordo ter emoldurado uma mais cintilante constelação de formosas estrelas! A beleza dessas formas harmoniosas, em que a semi-nudez quase selvagem se mistura subtilmente com um «raffinement» duma civilização talvez século XXI, arrastam-nos para longe desse «foyer» de ilusões em que por vezes o espírito se esconde, ao sentir os desejos que o coração conserva.

Essa beleza que nos foi dado admirar em Tufa Mendonça, «un vrai trésor», cuja partida tão rápida terá sido talvez a causa da falta de luz em Monte Gordo, o «sex-appeal» duma Gracinha Pirré, a inebriante, a mulher vertigem, e esse «spleen» encantador de Luízinha Santos, com os seus 1001 fatos de banho de várias cores, essa alegre Lú Simões de Carvalho, com os seus ombros aristocraticamente descaídos, em suma, uma pléiade de estonteantes criaturas capazes de entontecer, desde o Paxá de Marraqueche até qualquer «engenheiro Salta-pocinhas»...

Ao olharmos a distinção duma «mademoiselle» Belmarço Rocheta, com o seu original fato de banho, de folhas amarelo-douradas, a atestar um finíssimo bom-gosto, ou a sua prima Zezinha, envolvida pela recordação dum «Bem» ausente, sentimos-nos transportados ao «high-life» duma Côte d'Azur ou às noites balsâmicas e fulgentes da Florida!

Não dispomos, infelizmente, de tempo nem de espaço para darmos hoje aos nossos leitores de todo o Mundo — sim, porque desejamos que isso se saiba em todo o Mundo! — a completa ideia — tão completa quanto possível... — das estrelas que, na sua ténue e acolhedora luz, nos alumiam esta curta existência das férias em Monte Gordo. Continuaremos depois.

Agora, antes de terminarmos,

Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

contos e o de Julho 2.329, o de Agosto somente registou 327 contos! E' claro que tão baixo rendimento, como foi este, não podia deixar de ter as suas repercussões no Comércio de Vila Real de Santo António, para o qual o mês de Agosto foi um período de estagnação.

Fica, assim, demonstrada a asserção de duras crises, de que esta vila sofre por vezes; e também, por isso mesmo, a necessidade que vemos de aqui se estabelecerem novas indústrias.

Examinemos, agora, os motivos que nos levaram a falar da indústria corticeira, como sendo uma das que poderiam estabelecer-se, com vantagem, nesta região.

Tanto por estrada como pelo caminho de ferro, Vila Real de Santo António está hoje ligada aos centros produtores de cortiça, e a facilidade do transporte desta está perfeitamente assegurada.

Terrenos para a instalação de tal indústria, há-os, com abundância, nesta vila e nas circunvizinhanças. E o porto de Vila Real de Santo António, por onde saíram 7.494 e 13.296 contos de cortiça, respectivamente, nos anos de 1951 e 1952, colocando aquele produto, também respectivamente, em quarto e terceiro lugares na ordem dos valores exportados nesses mesmos anos, poderia ver aumentadas tais cifras, com proveito para esta região.

Não é dos industriais conserveiros que deverá esperar-se a iniciativa do estabelecimento doutras indústrias nesta vila e sim dos técnicos e empresas das respectivas especialidades; mas vem a propósito lembrar que há já anos alguém pretendeu montar na vila pombalina a indústria de cerâmica e teve que desistir do seu intento por não ter conseguido a licença camarária — antes, só encontrou oposição à sua iniciativa!

No que se refere, particularmente, à indústria da cortiça, as mesmas razões (se bem que não em tão grande peso) que provocaram o seu desenvolvimento nas proximidades da capital do País poderiam contribuir para desenvolvê-la em Vila Real de Santo António, pois entre todas avulta a da facilidade de escoamento do produto manufacturado, que aqui também se pode fazer, em virtude da porto ter condições para isso.

De um concelho do distrito de Aveiro sabemos nós que, sem estar situado em região produtora de cortiça e sem ter um porto de mar, se dedica a essa indústria. Queremos referir-nos ao concelho de Vila da Feira, onde se dá trabalho a muita gente.

Porque não hão-de ser aproveitadas, pois, as óptimas condições que Vila Real de Santo António oferece?

R. C.

vamos cumprir uma obrigação! — desejar as melhores a uma doente! Quanto ao médico, já sabemos que escolheu o melhor... De resto, basta uma aplicação de gelo às 3 horas da madrugada; mas que seja bem... aplicada!

J. M.

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega — deveis preferir um WISCONSIN PORQUÊ?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustível

FILTRO DE AR a banho de óleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113 — LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76